

Adequações entre professora surda e alunos ouvintes para o aprendizado de Libras*

Adjustments between deaf teacher and hearing students for the learning of Libras

Luciane Rangel Rodrigues¹
Ana Regina e Souza Campello²

Resumo: O artigo objetiva analisar a forma que a Libras atua como uma segunda língua para três alunos ouvintes, com idades de 10 (dez) a 11 (onze) anos, inscritos no curso de Libras de módulo básico. Assim, a proposta do presente artigo é examinar a relação entre uma professora surda com os alunos ouvintes que, até então, nunca tiveram contato com a Comunidade Surda e que não têm o conhecimento proficiente em língua de sinais para difundir a Libras. Sobre os argumentos para a pesquisa trazemos aqui autores como Perlin (2006), Strobel (2008), Reis (2006), Kishimoto (1996, 1998), Góes (2000) e Oliveira (2019) que reforçam que o jogo traz ganhos que vão além do desenvolvimento da cognição; Quadros (2005) pela assertiva ao mostrar que o ensino bilíngue é um desafio para todos os envolvidos, surdos e ouvintes; Pereira e Vieira (2009) que reforçam esse ponto de vista ao apontar a dificuldade dos surdos bilíngues para se apropriar da língua majoritária, habilidades que talvez nunca sejam plenamente alcançadas; Rodrigues (2015) que fala da sensibilização e aceitação do diferente, para formarmos cidadãos mais conscientes e justos.

Palavras-chave: Libras. Segunda Língua. Crianças ouvintes.

Abstract: This article aims to analyze the way Libras works as a second language for three hearing students, aged 10 (ten) to 11 (eleven), enrolled in the basic module of the Libras course. Thus, the purpose of this article is to examine the relationship between a deaf teacher and hearing students who, until then, have never had contact with the Deaf Community and who do not have the proficient knowledge in sign language to spread of Libras. Concerning the arguments for this research, we have authors such as Perlin (2006), Strobel (2008), Reis (2006), Kishimoto (1996, 1998), Góes (2000) e Oliveira (2019) who reinforces that the game brings gains that go beyond the development of cognition; Quadros (2005) by assertive in showing that bilingual teaching is a challenge for all involved, deaf and hearing people; Pereira and Vieira (2009) who reinforce this point of view by pointing out the difficulty of bilingual deaf people to master the main language, skills that may never be fully achieved; Rodrigues (2015) who speaks of awareness and acceptance of the differences to form more conscious and fair citizens.

Keywords: Libras. Second Language. Hearing Children.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências, Tecnologias e Inclusão (PGCTIn) da UFF. E-mail: rangel.ane@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3641-2045>.

² Professora de Educação de Surdos do INES. Doutora em Educação pela UFSC. Pesquisadora vinculada ao PGCTIN da UFF. Coordenadora do GPL1L2. E-mail: acampello@ines.gov.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1464-9524>.

* Artigo recebido em 17 de junho de 2023. Aceito para publicação em 02 de agosto de 2023.

Introdução

A pesquisa referida mostra as estratégias desenvolvidas por uma professora, surda, para estimular e desenvolver o aprendizado de Libras com crianças ouvintes. Tudo começou quando a autora era diretora, e durante esse trabalho houve o acompanhamento frequente, desde o ano de 2000 até meados de 2007, na creche Professor Geraldo Cavalcante que é localizada na APADA - Associação de Pais e Amigos dos Deficientes Auditivos, em Niterói. A creche recebe crianças surdas e ouvintes de 0 (zero) a 6 (seis) anos e sempre tenta proporcionar a aquisição da primeira língua a Libras e a segunda língua o português (modalidade escrita), assim funcionava a fim de promover a educação bilíngue. Contudo, no começo desse modelo bilíngue, teve-se a ideia de proporcionar vagas para as crianças ouvintes, e desse modo, três foram preenchidas por crianças CODA's - Child of Deaf Adults (Filho de Pais Surdos), cuja criança criada por um ou mais pais ou responsáveis surdos. Assim, no decorrer das aulas e em alguns momentos externos, era observado como se dava o relacionamento entre os alunos surdos com os alunos ouvintes, mesmo que alguns dos alunos surdos que estudavam das 9h às 17h, e os alunos ouvintes ficaram apenas em um turno específico e depois iam para as escolas regulares. A partir desta experiência de vida, foi possível ter em mente essa linha de pesquisa e a vontade de querer aprofundar em aspectos e relações de crianças ouvintes com o mundo surdo.

Logo após o ano de 2007, foi criado um curso de Libras para crianças de 10 (dez) e 11 (onze) anos e, idealizando a pretensão de obter novas experiências na área da educação, começou um desafio que foi estimulado durante 10 (dez) anos para criar a pesquisa baseada em hipóteses vivenciadas. Assim, se deu a análise sobre estar no papel de professora da disciplina de Libras para crianças que são ouvintes. De certo, modo seria enfrentar um novo desafio e trabalhando próximo a educação básica, foi possível desenvolver uma forma de incentivar cada vez mais o rompimento de barreiras linguísticas que existem na nossa sociedade atualmente. É possível afirmar que professores surdos estão cientes desses obstáculos, pois não é propriamente uma novidade que raramente encontrada, porque é um fator recorrente e alguns surdos enxergam como um impedimento social, mas de nenhum modo culpam a surdez por essa limitação, pois é um problema gerado a partir da barreira linguística tal qual construída dentro das relações em uma sociedade. Dessa forma, é necessário traçar estratégias para desfazer esse problema, e através da carreira de profissional da educação foi possível situar alguns pontos, e que foram observadas em Universidades privadas e públicas com alunos ouvintes. Portanto, existiram três momentos que ocorreram a proposta de ensinar Libras ao sujeito ouvinte e que promovam o interesse geral na pesquisa acadêmica.

Perlin (2006), esclarece que o professor surdo é figura importante e que sua identidade e cultura linguística oferecem uma experiência nova e visual.

[...] a experiência na diferença cultural sentida e vivida por aqueles que têm a coragem de serem surdos é mais que dinâmica. O que obriga o surdo a travar lutas pela diferença? O ato de definição de nossa cultura é um espaço contraditório ao ouvinte. A luta pelas diferenças não pode ser explicada por simples oposições binárias, ela é uma estratégia de sobrevivência. A cultura surda existe enquanto estratégia de sobrevivência. A cultura surda existe enquanto estratégia de contra dominação. As estratégias contêm posições de diferença, de identidade, de cultura, de política que se negocia em diferentes tempos (PERLIN, 2006).

Quando se coloca como sujeito responsável e capaz de transmitir sua língua, o surdo se empodera e transforma a experiência em algo dinâmico e emocionante para ambos os lados. A pesquisa é baseada em experiências vivenciadas no cotidiano por uma professora surda. Segundo Strobel (2008, p. 22) em seu livro “As Imagens do Outro Sobre a Cultura Surda” há uma percepção que difere a cultura surda

Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável, ajustando-o com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo (STROBEL, 2008).

Sendo assim, para dar seguimento ao trabalho seria preciso enfrentar o desafio de transmitir isso a pessoas que se identificam e interagem através de uma língua diferente. Então, trabalhando junto à educação básica, é possível incentivar cada vez mais o rompimento de barreiras linguísticas que existem na nossa sociedade atualmente. É possível afirmar que professores surdos estão cientes desses obstáculos, pois não é uma novidade raramente encontrada, mas sim um fator recorrente e alguns surdos enxergam como um impedimento social. Porém, de nenhum modo culpam a surdez por essa limitação, pois é um problema gerado a partir da barreira linguística tal qual construída dentro das relações em uma sociedade.

Logo após o ano de 2007, foi criado um curso de Libras para crianças de 10 (dez) e 11 (onze) anos e, idealizando a pretensão de obter novas experiências na área da educação, começou um desafio que foi estimulado durante 10 (dez) anos para criar a pesquisa baseada em hipóteses vivenciadas. Pereira e Vieira (2009) tratam sobre o surdo como profissional indispensável na escola, nesse contexto, ao afirmarem que

Dada a sua importância, o profissional surdo deve fazer parte da equipe da escola e participar do planejamento das atividades, o que pode garantir que sejam respeitadas as condições peculiares dos Surdos de terem acesso ao mundo pela visão (PEREIRA E VIEIRA, 2009, p. 66).

A busca de novas experiências para compor a pesquisa seguiu o propósito de se ater aos sujeitos que vão adquirir a Libras como sua segunda língua no município de Niterói. Então, para atuar com crianças ouvintes, foi preciso partir de uma premissa de selecionar crianças que antes não tiveram contato com o mundo surdo e com isso, foi evitado ensinar, no primeiro momento, sobre o que era a cultura surda em teoria. Ou seja, havia aulas apenas para estimular a troca espontânea, e era visualizado o que iria partir daquela criança ouvinte ao longo das aulas. Assim, a aula ocorria com o auxílio do projetor que mostrava as figuras de 18 (dezoito) animais mamíferos³ e era buscado utilizar o método do classificador em Libras, para que as crianças entendessem através do seu instinto visual. Após esse período, a pesquisa se deu continuidade no mestrado, com foco na escola inclusiva e com crianças surdas e ouvintes. Assim, teve uma pesquisa com o mesmo conteúdo anteriormente exposto, mas para uma sala com 8 alunos ouvintes. Ao decorrer dessa aula, foram apresentados as regras e os parâmetros da língua de sinais. Com isso, foram observados os feedbacks dos alunos de grau satisfatório, e ao longo das aulas foi perceptível o engajamento e participação dos estudantes.

Ao longo desse processo de pesquisa, foi necessária a busca da intermediação entre esses dois polos, assim como os surdos em reiteradas vezes buscam a figura do intérprete de Libras para esse trabalho. Conforme esses paradigmas da pesquisa, foi procurado distanciar isso para justamente analisar a relação sem nenhuma influência externa para buscar o resultado pretendido. Logo, esse trabalho não tinha intérprete, e assim quem estava exclusivamente ao longo das aulas era uma professora surda e três crianças ouvintes.

As estratégias conduzidas resultaram em um processo de aprendizagem para os dois lados. Era procurado intermediar a mensagem através de duas línguas naquele momento, e precisava se esforçar quando o semblante dos alunos mostrava que não haviam entendido e então mostrava figuras ou eles desenhavam para mostrar, tinha vezes que dava para fazer mímica ou escrevem em um papel para que pudesse compreender o que eles queriam naquele momento. Quando não conseguiam entender e passavam a cochichar um com outro, era necessário interromper para explicar que poderiam usar a língua de sinais, pois estavam na presença de uma pessoa surda, e ao estipular essas regras deu para reparar que após desse

³ A experiência e coleta de pesquisa do seu mestrado profissional de Programa de Pós-Graduação em Diversidade e Inclusão de Universidade Federal Fluminense, sua dissertação de Bilinguismo no ensino fundamental: uso de um tema de ciências no ensino da Língua de sinais brasileira – LSB para alunos ouvintes no ano 2015.

momento, eles passaram a se esforçar cada vez mais, como geralmente essa técnica é utilizado em outros cursos de inglês, e que eles provavelmente sabiam disso. Logo, ao se deparar com o ambiente que se propõe estar, precisa de algum modo se esforçar para utilizar a língua natural que se exige para aquele momento, e assim, as aulas passaram a ser mais prazerosas e divertidas que duraram cerca de 3 (três) meses. De modo que, um certo dia, um dos alunos trouxe o jogo de cartas que se chama UNO, onde a sua regra principal consiste em que o jogador que acabar primeiro com as cartas que tem na mão será o ganhador da partida, assim aproveitei e ensinei em Libras como são os sinais dos números e as cores, além do conteúdo que englobava aquele jogo. Assim, um dos alunos propôs que iriam jogar ao longo da partida toda em língua de sinais e que não poderiam usar a voz. Daí, aproveitou-se para ensinar em Libras como são os sinais dos números e as cores, além do conteúdo que englobava aquele jogo.

Sobre o uso de jogos na interação didática, Kishimoto (1996) reforça que “o jogo desenvolve além da cognição, ou seja, a construção de representações mentais, a afetividade, as funções sensório motoras e a área social, ou seja, as relações entre os alunos e a percepção das regras”. Bem de acordo com esse ponto, um dos alunos propôs que iriam jogar ao longo da partida toda em língua de sinais e que não poderiam usar a voz. Eles compreenderam que haviam algumas regras para dar dinâmica ao jogo e, nesse caso, foi preciso a compreensão por parte dos alunos para desenvolver novas estratégias para o jogo, devido a presença da professora surda.

Para enfrentar um desafio em sala de aula com alunos ouvintes de 10 (dez) e 11 (onze) anos não é um processo fácil, como afirma Quadros:

Este contexto bilíngue é completamente atípico de outros contextos bilíngues estudados, uma vez que envolve modalidades de línguas diferentes. Descobrir os laços de tais cruzamentos e das fronteiras que são estabelecidas é desafiador tanto para os surdos como para os ouvintes envolvidos (2005, p. 04).

Os métodos eram inovadores pois ninguém usava na prática no ensino de libras através de jogos junto com as crianças ouvintes. O ensino de Libras como segunda língua foi baseado nos modelos da Roa (2012) que vivenciou suas experiências com as crianças ouvintes nas escolas inclusivas de São Paulo. E com isso, a tese da Roa me motivou a aumentar as perspectivas da inclusão da libras na educação como todo.

De acordo com a Góes (2000) afirma que, “a produção de significados em relação ao mundo da cultura e a si próprio é um processo necessariamente mediado pelo outro, é efeito das relações sociais vivenciadas e através da linguagem”. Vemos claramente neste contexto a necessidade de implementação de jogo didático em Libras nas escolas, de uma pedagogia voltada para o conhecimento acerca da

diversidade e necessidades específicas do aluno surdo já que a sua fala é representada pela forma de sinais. Contudo, a escola não vem priorizando essa necessidade, onde a Libras tem se tornado presença obrigatória em algumas disciplinas no ensino fundamental para o desenvolvimento cognitivo do aluno ouvinte e surdo, dando privilégio no cotidiano escolar das escolas formais o uso bilíngue: Libras e língua portuguesa na sua forma oral, sinalizada e escrita e visual.

O autor Oliveira (2019) justifica a importância do uso de jogos que fazem toda diferença na aprendizagem, por serem muitas vezes utilizados para provocar alegria e diversão, fazendo com que se tornem uma forma mais agradável de aprender. Atualmente os jogos estão sendo levados à sala de aula para que o professor transcreva a aprendizagem e o desenvolvimento das habilidades apresentadas durante as aulas de uma forma mais lúdica. O jogo é colocado na aula e introduzido no conteúdo e neste momento deixa de fazer parte de uma brincadeira e se torna um material pedagógico com um valor imensurável (pág. 58). O autor Kishimoto (1998, p. 13) deixou claro que:

Os jogos educacionais facilitam e estimulam a aprendizagem através da interação, desenvolvendo capacidades cognitivas e a coordenação motora.

Através dessa prática pensamos em criar um jogo bilíngue, que beneficie o aluno ouvinte na aquisição da segunda língua de modo natural. Oliveira (2019) reafirma que a escola é o local educacional em que a criança deve adquirir conhecimentos e habilidades. Jogos educativos estimulam e favorecem o aprendizado e também no processo de socialização, além de contribuir para a formação da personalidade do aluno e na aquisição de uma segunda língua. Para que isso ocorra, os jogos educativos mobilizam esquemas mentais, estimulam o pensamento, a ordenação de tempo e de espaço. Eles também favorecem a aquisição de condutas cognitivas e desenvolvimento de habilidades como coordenação, destreza, rapidez, força e concentração.

O jogo educativo surgiu no período do renascimento, todos os jogos que na era medieval foram abominados, ressurgem novamente no cotidiano das pessoas e também como material pedagógico no ensino. Atualmente os jogos utilizados na educação são classificados por duas funções: a primeira é a lúdica, que fornece prazer e diversão; a segunda é a educativa, o jogo pode auxiliar ou promover a aquisição de saberes e ampliação da cultura surda dos vocabulários da Libras.

Assim, se deu a análise sobre estar no papel de professora da disciplina de Libras para crianças que são ouvintes. Buscando traçar estratégias para desfazer esse problema, e através da carreira de profissional da educação foi possível situar alguns pontos, que foram observadas em Universidades privadas e públicas

com alunos adultos e ouvintes. Daí, ocorreram os momentos únicos com a proposta de ensinar Libras ao sujeito ouvinte e que promovem o interesse geral na pesquisa acadêmica.

Justificativa

Foi analisado, ao longo desse tempo, que as crianças ouvintes têm a maior facilidade de procurar outras línguas orais para aprender, como o inglês e o espanhol, que até então é oferecida também dentro das escolas da rede pública e privada. Assim, comparando com o contexto da Libras, é perceptível que ela é pouco procurada por crianças e adolescentes fora da escola. Ademais, existe a oferta maior da Libras dentro das igrejas e de oficinas a curto período dentro de escolas. A partir dessa premissa, pode-se afirmar que não existe inclusão da língua entre o sujeito surdo e o sujeito ouvinte.

Entretanto, a legislação incluiu o decreto de 5.626 (BRASIL, 2005) que regulamenta a Libras, em seu capítulo II, na parte do art. 3º e 1º inciso da inclusão da Libras como disciplina curricular que se refere a disciplina curricular que deve ser inserida como obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, além de incluir nos cursos de Fonoaudiologia nas instituições de ensino dos Estados, Distrito Federal e nos municípios na rede pública e privada para todos os surdos da licenciatura e as demais disciplinas em optativa para os alunos de educação superior.

Mas, esse decreto não exige a Libras para as crianças e adolescentes ouvintes dentro das escolas. Se fosse uma realidade, seria um desenvolvimento enriquecedor para toda a sociedade ao diminuir consequentemente a barreira linguística entre os dois mundos. É necessário a continuação da luta da Comunidade Surda para conquistar novas oportunidades para todas as crianças aprenderem essa língua na educação básica do nosso país. Afinal, esse é um período de fácil aprendizagem por parte da criança, quando é apresentada a ela uma novidade, fazendo fluir a comunicação em qualquer lugar, como na igreja, na vizinhança, nas associações e em vários lugares. O surdo merece ter o reconhecimento de sua cultura linguística dentro de seu próprio país e pela sua sociedade que há tantos anos o excluí. Rodrigues (2015) reforça essa necessidade e argumenta:

A experiência como professora universitária há 10 anos em duas universidades privadas, uma estadual e duas federais, me fez refletir sobre várias questões: Por que a disciplina de Libras deve se restringir apenas aos cursos anteriormente citados? E por que esperar? E quanto ao ensino médio e o ensino fundamental? E, por que não dizer, à educação infantil? Já está comprovado, através de vários estudos, que crianças e adolescentes têm muito mais facilidade para adquirir uma nova língua do que os adultos. Ademais, vale à pena refle-

tir sobre a facilidade da comunicação entre as crianças, ao contrário do adulto, pois a maioria destes ao aprender uma nova língua nem sempre consegue comunicar-se plenamente através desta. Então, por que começar pelo caminho mais difícil? Junto com o aprendizado de uma nova língua estaria sendo trabalhada a questão da sensibilização e aceitação do diferente, formando uma sociedade com indivíduos mais conscientes e justos (RODRIGUES, 2015, p. 32).

Para conseguir gradualmente chegar a um objetivo final, é necessário passar por vários quesitos, inclusive um desses se trata de conscientizar cada um a fim de evitar as barreiras sociais impostas aos Surdos diariamente. O ideal a ser começado hoje, é que seja focado a progressão a começar pela preparação do ensino acerca da Libras para as crianças, e que ao decorrer do tempo tenha a disciplina de Libras fixada na grade curricular. Mas, isso não pode ser confundido com a inclusão, pois na mesma deve haver uma sensibilização do sujeito ouvinte desde cedo, ao aprender o cerne da cultura surda, a fim de tornar a inclusão propriamente dita.

Há uma certa diferença no processo de aprendizado da Libras da criança ouvinte com um adulto ouvinte. Quando uma criança aprende dentro da sala de aula a língua de sinais, passa a ser um processo natural com gravuras, comidas, mímicas, até uma certa espontaneidade, e assim dá para perceber um interesse maior na aquisição da língua. Já de uma pessoa adulta que está cursando a disciplina, a aquisição da língua passa a ser mais por obrigação, por estar inserido dentro da grade curricular de seu curso. Logo, a criança desde cedo, por ter um contato genuíno, provavelmente será um adulto que vai naturalmente saber respeitar o lugar do surdo dentro da sociedade. A pesquisa em si procura objetivar o ensino da Libras com o sujeito ouvinte, mas não tem o objetivo de prejudicar ou desprezar os surdos, pois na área da educação existem carências a serem superadas, e que de algum modo, vem para auxiliar a educação do surdo, e sabemos que no Brasil é precária. Não precisamos necessariamente dividir os dois mundos, mas procurar maneiras de ressaltar ainda mais essa relação advinda dos dois sujeitos. Por isso, é importante que as escolas ofereçam a Libras como uma disciplina, que nem é oferecido o Inglês, o Espanhol, e o Francês, independentemente se tiver alunos surdos.

Pontualmente, há uma discussão sobre o porquê de haver a disciplina de língua de sinais dentro das escolas se não há muitos alunos surdos matriculados. Assim, é visto inclusive o objetivo principal deste trabalho, pois pode ser encaixada uma analogia que responde essa dúvida, se temos alunos norte-americanos matriculados em uma escola brasileira, ele vai ter o suporte, pois existe um ensino desde cedo dentro das escolas regulares sobre o Inglês e a cultura norte-americana. Mas, quando existe um aluno surdo matriculado em uma escola regular e não-inclusiva, ele não irá se sentir confortável em seu próprio país de origem. Ainda podemos usar, como adendo, uma citação de Pereira e Vieira (2009) que diz

Devido à perda auditiva, as pessoas surdas bilíngues permanecem geralmente bilíngues ao longo da vida. Este não é o caso de outros grupos que, durante os anos, podem partilhar uma forma de monolinguismo, na língua majoritária ou minoritária. Além disso, ainda devido à perda auditiva, certas habilidades de uso da língua majoritária, sobretudo o uso da fala, podem nunca ser adquiridas completamente pelos surdos bilíngues.

De forma que a situação geral de quem é surda carrega diversas barreiras, pelo fato de que a vida na sociedade não os contempla e a falta da disciplina de Libras dentro da grade curricular como segunda língua acarreta vários déficits para a Comunidade Surda. O autor Oliveira (2019) pondera que o bilinguismo, proposta pela comunidade surda que vem tentando há anos para implementar nas escolas, vem quebrar esse rótulo quando acredita que dominando a língua de sinais fica mais fácil para o surdo perceber estes aspectos na língua oral, pois ele tem exemplos na língua de sinais que podem guiá-los. A proposta bilíngue para a educação de surdos é apresentada como primordial para o acesso da criança com deficiência auditiva, à sua Língua materna, tendo preferencialmente a convivência e aprendizagem da língua estimulada através do contato com comunidade surda. O desenvolvimento desta criança surda na Língua materna é primordial para o aprendizado da segunda língua, que é a língua oral, através da escrita que será apresentada na escola. Só que a Lei 10.436 de 2002 (BRASIL, 2002), que é recente, e as pesquisas sobre o bilinguismo na educação dos surdos deixam os professores céticos em relação ao acesso de duas línguas pelas crianças surdas. O autor Genesee (1004) coloca, na sua pesquisa atual, o ponto negativo do bilinguismo, que quando as crianças fazem essas trocas elas estão utilizando recursos efetivos da comunicação.

Existem alguns projetos individuais em algumas escolas do município, algumas até solicitam consultorias ou oficinas, mas algo a curto prazo e sem continuidade posteriormente. Em algumas experiências, foi possível observar que existe uma predominância em pais surdos que perdem e não participam de reuniões na escola regular do filho ouvinte, pois não há interesse das escolas em incluir os surdos, nem ao menos chamar um intérprete para auxiliar. Existiram alguns eventos pontuais para demonstração do livro “Ane e Jota” dos autores Rodrigues e Teixeira (2015) e até interesses de abrir turmas de infanto-juvenil de Libras, mas são casos isolados, e infelizmente não se trata de padrão no Brasil.

Acerca da pesquisa e de materiais sobre o assunto proposto anteriormente, foi perceptível a escassez de teses, dissertações e artigos sobre o tema e principalmente tratando do ensino da Libras para crianças ouvintes, pois havia alguns sobre o ensino para adultos, e sobre inclusão de apenas crianças surdas, mas como a linha de pesquisa era com foco nas crianças ouvintes e o processo de aquisição da

Libras como a segunda língua, não havia autores que abordassem esse tema. Assim, essa pesquisa se mostra desafiadora, mas ao mesmo tempo pretende estender seus efeitos benéficos, a fim de contribuir para essa área precária. O ensino da Libras como a segunda língua para o sujeito ouvinte, cada vez mais vem apresentando interesse coletivo, pois, em meados do ano de 2017, o movimento de extensão criou o Primeiro Encontro Estadual do Ensino da Libras como Segunda Língua para Crianças e Adolescentes, a fim de reunir esse público jovem para trocar experiências, aprendizagem e incentivar esse grupo a ensinar e tornar profissionais dessa área, sendo professores de Libras ou pedagogos. Assim, os encontros prosseguiram para o ano de 2018 e 2019. No ano de 2019, criou-se o encontro nacional, para se discutir e firmar esse movimento como um objetivo principal de estimular que os órgãos principais insiram a disciplina na grade curricular para todos os alunos ouvintes que estudam da educação infantil até o ensino médio. Outro ponto discutido foi a ausência de pesquisa nessa área, e assim, procurar meios efetivos que desperte o interesse dos professores de Libras para fomentar mais pesquisas e escrever materiais acerca de suas experiências e análises.

Fundamentação teórica

Ao se deparar jogando UNO com os alunos, foi perceptível o empenho dos alunos ouvintes em mostrar como se jogava, e era bastante atencioso em sua explicação sobre estar diante de uma pessoa surda com essa breve limitação. Durante o jogo foi o momento de aprender e se relacionar momentos de tensão, alegria ou tristeza. Ao final, o momento em que foi primordial a construção da ponte entre o mundo do ouvinte e o mundo surdo, foi quando o sujeito ouvinte teve a percepção que a pessoa surda não poderia realizar uma das regras, que era gritar “UNO” quando estivesse com uma carta em mãos, e então combinaram de substituir outra técnica, que insistia em fazer uma certa mímica para isso ao invés de gritar, e assim todos se entendiam ao final, com isso, o jogo continuava o mesmo, mas agora ele estava de forma inclusiva.

Isso foi o “gatilho” do despertar da cultura surda, quando começou a percepção que difere das duas culturas conforme a citação da autora Strobel (2008, p. 22) na introdução deste artigo.

Assim, após aquele momento foi possível analisar o que havia ocorrido mais detalhadamente, em que se incluiu uma nova regra de forma visual-espacial, a partir do aluno, para que assim todos pudessem compartilhar e ser inseridos no jogo. O episódio foi marcante, pois quando era necessária a empatia com aquele sujeito surdo que se sentia constantemente excluído pela própria sociedade – regras do jogo, se viu incluído pelos próprios alunos que eram crianças, mas ao mesmo

tempo já entendia de respeito, reciprocidade e de empatia. Igualmente despertou outro “gatilho” da importância da representação do professor surdo, a diferença e a identidade conforme a citação da Reis (2006, p. 12) na parte da introdução.

Dessa forma, é necessário ressaltar a importância da presença de um professor surdo no ensino da Libras da aquisição de uma segunda língua para um sujeito ouvinte, que então passa a exigir um contato visual e de diversas identificações para promover a inclusão social propriamente dita. Assim, o espaço escolar deu um novo sentido para as reflexões, principalmente sobre aquele dado momento com a criança surda, que em um momento lúdico não estava sendo obrigada e essa percepção ocorreu de forma espontânea diante de uma regra de convivência social. Com isso, surgiu a inquietação de uma maneira em geral voltada para o ensino da Libras para crianças ouvintes que poderão auxiliar em um futuro melhor para a Comunidade Surda e para todas as lutas que estão durando até hoje, como a educação bilíngue ser pacificada no nosso país, garantindo o direito linguístico de todos os alunos surdos. Dessa forma, é propício partir da parte majoritária da sociedade, o público ouvinte, e assim suscitar questões a fim de prepará-los para receber os alunos surdos em qualquer área educacional. Se faz necessário um professor ouvinte que ensine ao surdo, mas é necessário que esse professor tenha embasamentos linguísticos e cultural para saber quem está aprendendo do outro lado, pois consequentemente irá aprender de um jeito diferente e de forma diferente, sem nenhum embasamento da cultura surda e do protagonismo surdo.

Segundo Perlin (2006), o professor surdo torna-se importante e que sua identidade e sua cultura linguística oferecem uma experiência nova e visual.

[...] a experiência na diferença cultural sentida e vivida por aqueles que têm a coragem de serem surdos é mais que dinâmica. O que obriga o surdo a travar lutas pela diferença? O ato de definição de nossa cultura é um espaço contraditório ao ouvinte. A luta pelas diferenças não pode ser explicada por simples oposições binárias, ela é uma estratégia de sobrevivência. A cultura surda existe enquanto estratégia de sobrevivência. A cultura surda existe enquanto estratégia de contra dominação. As estratégias contêm posições de diferença, de identidade, de cultura, de política que se negocia em diferentes tempos (PERLIN, 2006).

O argumento supracitado reforça ainda mais a importância do sujeito surdo dentro da sala de aula, pois propõe aos alunos ouvintes novos conhecimentos ao adquirir diariamente a cultura surda na vivência, inovando a cada vez que exista o relacionamento entre os dois mundos.

Ademais, os alunos ouvintes passam a aprender de forma automática o respeito com a diferença linguística, assim é perceptível a compreensão e a empatia entre duas culturas diferentes que se afastam cada vez mais do preconceito. É notó-

ria a importância dos professores surdos, pois são os protagonistas da sua própria cultura, língua e percepção de mundo. Portanto, o ideal para se ensinar Libras é através de um professor surdo, por estar submerso na cultura surda.

A proposta pedagógica de interação

A metodologia desenvolvida para o curso de Libras foi elaborada e pontual, só que houve a inserção de uma nova atividade proposta por um aluno

No jogo estiveram presentes crianças de 10 (dez) a 11 (onze) anos de idade: três (3) alunos ouvintes e uma professora surda, sendo que 2 (duas) meninas e 1 (um) menino não tinham até então contato com a Libras. Por 3 (três) meses, durante cerca de 2 (duas) horas semanais eles obtiveram noção sobre Libras e surdez, através da professora Surda. Isso se deu em sala de aula, no centro cultural em Santa Rosa, de cidade de Niterói do Rio de Janeiro, onde se oferecia vários cursos na área de artes.

Em sala, o aluno trouxe o jogo de UNO, que a professora até então desconhecia. Ele explicou a regra do jogo e a professora aproveitou para ensinar os conteúdos do jogo em Libras. Um aluno que sabia um pouco de Libras sugeriu uma nova regra espaço-visual por causa da presença da professora surda, e assim aconteceu em um dado momento especial, na convivência com a professora surda.

Tendo por objetivo criar uma regra visual, sem som, criou-se uma estratégia para que a professora pudesse visualizar e compreender o jogo, evitando que fosse excluída. Para isso, procurou-se usar a cultura linguística. O aluno se reuniu com as duas colegas, criaram uma regra, e exigiram respeito à cultura surda, “porque a professora não escuta” e, não poderiam terminar o jogo com um grito. O aluno percebeu que a professora estava ‘perdida’, mas não foi ela quem pensou em criar as regras e sim, o aluno. Durou apenas 2 (duas) horas, pouco tempo, porém foi muito importante criar essa regra. Depois a professora passou conteúdos sobre cores, números e outros, aproveitando a motivação deles em aprender Libras relacionando com o jogo. Com isso, todos aprenderam de forma descontraída.

Foram necessárias algumas estratégias de trabalho e criatividade para adotar a metodologia do jogo. No primeiro momento apresentou-se o “projeto”, criado pelo próprio aluno, explicando sobre a importância da valorização e respeito a professora surda, criando o “UNO VISUAL”. No final, a turma aprendeu a nova regra, respeitando a professora surda, ampliando seus potenciais e a percepção de que o mundo de ouvinte e surdo são diferentes.

Quando foram apresentadas as novas regras do jogo, surgiram os seguintes resultados na reação entre professora surda e alunos ouvintes:

- “Despertar” a consciência dos alunos e crianças ouvintes sobre a surdez da professora;
- Contato com professores surdos: Libras, cultura e identidade;
- Nova aquisição de conhecimento, através do contato visual;
- Ambiente linguístico em Libras; sem o uso do português falado;
- Jogo visual.

No que diz respeito ao conteúdo, antes do jogo a professora aproveitou para ensinar as cores e números ao mesmo tempo, de maneira lúdica. A professora surda procurou estimular as ideias e aceitou a sugestão dos alunos presentes, e principalmente aqueles que participaram da aula, que até então buscaram inovar com métodos de comunicação numa participação ativa, desenvolvendo-se como cidadãos críticos, participativos e pensantes. Desse modo, eles respeitaram a professora surda na presença de todos, embasando o que Rodrigues, citada anteriormente, falou sobre “junto com o aprendizado de uma nova língua estaria sendo trabalhada a questão da sensibilização e aceitação do diferente, formando uma sociedade com indivíduos mais conscientes e justos” (2015, p. 32).

Conclusão

É notório a importância na relação entre professora surda com alunos ouvintes, em que estes perceberam e notaram a diferença da presença de uma professora surda e, a partir disso, modificaram o meio para ser justo a todos. Se no exemplo passado ocorresse com uma professora ouvinte, não haveria o mesmo resultado, pois o sujeito surdo com sua cultura ativa não estaria presente nesse binômio. Os principais pontos de descoberta dos alunos ouvintes na sala de aula através de uma professora surda em sua cultura linguística:

- Respeito às diferenças linguísticas;
- Empatia;
- Compreensão de uma cultura diferente;
- Valorização da Libras;
- Redução do preconceito;

É necessário nos esforçar para que o objetivo seja alcançado, para que professores pedagogo bilíngue e professores do curso de Letras-Libras se conscientizem acerca da importância do ensino para crianças ouvintes, porque as

crianças ouvintes também são nosso futuro, pois eles vão crescer e tornar cidadãos justos e honestos, e isso é responsabilidade nossa e de toda a sociedade ouvinte. Assim, nós precisamos ensinar e disseminar o uso da língua de sinais para promovermos o acesso a Libras a todos, porque hoje são crianças que vão ser os adultos do futuro com as diversas profissões que precisarão em algum momento utilizar a Libras e o aprendizado que a cultura surda lhe trará, que então saibam utilizar a língua de sinais em qualquer lugar por ter aprendido desde cedo a língua de sinais na educação básica ou em um curso de Libras. Então, apenas nós podemos lutar para oferecer isso, e assim teremos uma sociedade mais inclusiva e menos entraves linguísticos e culturais.

Portanto, nós podemos esquecer que existe uma comunidade ouvinte fora do nosso meio, pois precisamos nos importar com a comunidade surda e suas lutas, mas podemos dividir um pouco a atenção com essa comunidade ouvinte, e assim nós vamos descobrir que existe muita novidade, onde existe um mundo inteiro para poder descobrir e perceber o quão legal e importante é trabalhar nesse mundo, o que temos para dar e receber através dessa troca, e que assim exista um futuro que tenhamos uma sociedade mais respeitosa e cada vez mais oportunidade para professores surdo.

Referências

BRASIL. **Lei nº 10.436**, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Presidência da República. Brasília: DF. 2002 Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm. Acesso em 10 mar. 202.

BRASIL. **Decreto nº 5626**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Presidência da República. Brasília: DF. 2005. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 10 mar. 2021.

GENESEE, Fred. **Aquisição bilíngue**. Trad. Wendel Dantas, 1994.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. Cortez, São Paulo, 1996.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Jogo, Brincadeira e Brinquedos. In: KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O jogo e a educação infantil**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1998. p. 13-22.

OLIVEIRA, Wendel de. **O ensino de Libras no Jogo educacional: estratégia do ensino de Libras para alunos surdos do ensino fundamental**. Dissertação. CMPDI. UFF: Niterói. 2020. Disponível pelo link: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/726719>. Acesso em set. 2023.

PEREIRA, Maria Cristina da Cunha; VIEIRA, Maria Inês da Silva. **Bilinguismo e Educação de Surdos**. Revista Intercâmbio, volume XIX: 62-67, 2009. São Paulo: LAEL/PUC-SP.

Disponível pelo link: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/artigos_edespecial/bilinguismo.pdf. Acesso em set. 2023.

PERLIN, Gladis Teresinha Taschetto. **O ser e estar sendo surdo: alteridade, diferença e identidade**. Tese. UFRGS: Porto Alegre. RS. 2003. Disponível pelo link: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/5880>. Acesso em 12 mar. 2021

PERLIN, Gladis Teresinha Taschetto. **Surdos: por uma pedagogia da diferença**. Relatório final do projeto Funpesquisa Florianópolis: UFSC, 2006.

QUADROS, Ronice. O bi do bilinguismo na educação de surdos In: **Surdez e bilinguismo**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2005, v.1, p. 26-36.

REIS, Flaviane. **Professor Surdo: A Política e a Poética da Transgressão Pedagógica**. Dissertação. CED: UFSC: Florianópolis. 2006. Disponível pelo link: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/88409>. Acesso em 12 mar. 2021

ROA, Maria Cristina Iglesias. **Libras como segunda língua para crianças ouvintes**: avaliação de uma proposta educacional. Dissertação. Universidade federal de São Paulo: São Paulo. 2012. Disponível pelo link: <https://repositorio.unifesp.br/bitstream/handle/11600/9784/Publico-13262.pdf>. Acesso em set. de 2023.

RODRIGUES, Luciane Rangel. **Bilinguismo no ensino fundamental: uso de um tema de ciências no ensino da língua de sinais brasileira – LSB para alunos ouvintes**. Dissertação. UFF: Niterói/RJ. 2015. Disponível pelo link: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/726757>. Acesso em abr. 2023.

RODRIGUES, Luciane Rangel.; TEIXEIRA, João Paulo Cabral. **Ane & Jota, Amigos de Mundos Diferentes**. Rio de Janeiro. Darda editora. 2015.

STROBEL, Karin Lilian. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.